



# Um sociólogo nada hesitante: a solução de W. E. B. Du Bois para o dilema da sociologia no início do Século XX

Cairo César Pedron<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma nova seara de traduções, comentários e estudos especializados está retomando a fortuna crítica de W. E. B. Du Bois (1868-1963) à luz do nosso específico contexto brasileiro: periférico, desigual e excludente, recuperando as suas contribuições como clássicas para a disciplina sociológica. É nesse cenário de efervescência intelectual e ebulição de reconstruções teórico-conceituais que se insere este trabalho, pois *Sociologia Hesitante* (1905) é um texto que não foi publicado em vida, mas responde ao concerto de problemas sociológicos experimentados pelo campo disciplinar no “crepúsculo e aurora” do entre séculos. Pretende-se resgatar o contexto geral no qual a obra foi produzida e também a singularidade biográfica do seu produtor, atentando para o período da história em que a obra foi redigida. Entretanto, mais do que apenas análise do contexto social e biográfico no qual o ensaio está inserido, quero recuperar o debate “imaginário” que o autor experimentou nesse texto, tendo em vista que suas respostas foram dadas à luz daquilo que se debateu sobre sociologia no famigerado Congresso de Artes e Ciências da Feira Mundial de Saint Louis (1904), evento para o qual Du Bois não foi convidado e que, por isso mesmo, exemplifica o processo de silenciamento que o pensador experimentou durante toda a sua vida.

**Palavras-chave:** W.E.B Du Bois, Sociologia, Acaso, Lei.

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas – Brasil – [caiopedron99@gmail.com](mailto:caiopedron99@gmail.com) – <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138> – <http://lattes.cnpq.br/3869042846156714>.

## **An unhesitating sociologist: W. E. B. Du Bois solution to the dilemma of sociology at the beginning of the XX century.**

**Abstract:** *A new harvest of traductions, comments and specialized studies is re-suming the critical fortune of W.E.B Du Bois (188-1963) in light of our specific Brazilian context: peripheral, unequal, and excluding, recovering your contributions as a classic for the sociological discipline. It is in this scenario of intellectual effervescence and boiling of conceptual theorist reconstructions in which this work fits; because Hesitant Sociology (1905) is a text which is not publicated in life, but answers to the concert of sociological problems experienced by the disciplinary field at the dusk and dawn of the centuries between. It is intended to redeem the general context in which the work has to write, as well as, the biographical singularity from your producer, paying attention to the period of the work history in which it was written; but, more than this, want to recover the “imaginary” debate in which the author experiment in that text, given that those answers were given in light of what was discussed about the sociological science in World’s Fair Congress of Arts and Science in Saint Louis (1904), event to which Du Bois was not invited and, therefore, exemplifies the silencing process experienced throughout your life.*

**Keywords:** *W.E.B Du Bois, Sociology, Chance, Law.*

## **Un sociólogo sin vacilaciones: la solución de W. E. B. Du Bois al dilema de la sociología a principios del siglo XX.**

**Resúmen:** Una nueva asignación de traducciones, comentarios y estudios especializados está retomando la fortuna crítica de W. E. B. Du Bois (1868-1963) a la luz de nuestro contexto específico brasileño: periférico, desigual y excluyente, recuperando sus aportaciones como clásicos de la disciplina sociológica. Es en este escenario de efervescencia intelectual y ebullición de reconstrucciones teórico-conceptuales en el que se insierte este trabajo, así es Sociología Vacilante (1905) es un texto que no fue publicado en su vida, pero responde al concierto de los problemas sociológicos vividos por el campo disciplinar en el crepúsculo e amanecer de los inter siglos. Se pretende resgatar el contextos general en lo qual la obra fue producida, bien como, la singularidade biográfica de su productor, prestando atención al período de la historia de la obra en que fue producido; más que eso, queremos recuperar el debate “imaginario” que intentó el autor en este texto, teniendo em vista que sus respostas foran dadas a la luz

de lo discutido acerca de la ciência sociologica en lo Congreso de las Artes y las Ciencias de la Feira Mundial de San Luiz (1904), evento al que Du Bois no fue invitado y, a causa de eso, ejemplifica el proceso de silenciamento por el vivido durante toda su vida.

**Palabras-clave:** Du Bois, Sociología, Casualidad, Ley.

## Introdução

*Olhando para o mundo, vemos evidência do reinado da lei; à medida que subimos, no entanto, do físico para o humano, aparecem não apenas complicações e interações entre forças, mas traços de força indeterminada, até que no reino da ação humana superior nós alcançamos o acaso – que são as ações indeterminadas e independentes das ações anteriores. O dever da ciência, então, é medir cuidadosamente os limites desse acaso na conduta humana (Du Bois, 1905: 8, tradução nossa<sup>2</sup>).*

Poderíamos considerar o trecho citado como síntese de *Sociologia Hesitante* (1905), pois nele está elaborada a solução *duboisiana* para dois dos grandes problemas enfrentados pela sociologia na virada do Século XX: o primeiro se trata do estatuto de cientificidade, o qual era constantemente aviltado pelos críticos de outros campos do conhecimento – mormente os cientistas físicos, biológicos, matemáticos e afins; o segundo respondia pela unidade básica, fato primeiro, o *moto perpétuo* por meio do qual se desdobrariam os esforços para classificação, descrição e generalização dos fenômenos sociais.

Du Bois expõe nas páginas da sua crítica os pontos nos quais os limites do *mainstream* de sua época eram mais evidentes: “Por que os sociólogos não afirmam seu objeto de maneira simples e clara?” (Du Bois, 1905: 5, tradução nossa). Essa questão poderia ser colocada ainda hoje para explicar o esforço de alguns prosélitos por esconderem suas argumentações em jargões técnicos retirados de outras ciências ou até inventados – só para dificultar o entendimento dos não iniciados – ou, ainda pior, aqueles que usam do artifício retórico, barroco, escondendo sob a lírica poética, a falta de acabamento de seus edifícios retóricos.

---

2 Este artigo é o resultado crítico da tradução de *Sociologia Hesitante* (1905) para uma disciplina em minha Universidade, sendo, portanto, uma forma de apropriação daquele trabalho inicial de modo a contemplar a interessante contribuição de W. E. B Du Bois para o debate originário da ciência sociológica. Agradeço aos professores Matheus Gato de Jesus e Silvio Matheus Alves Santos que me proporcionaram um estudo imersivo da vida e obra desse grande clássico do pensamento social.

A sociologia procurava se legitimar por apropriação, quando deveria, na concepção de Du Bois, afirmar aquilo que era o seu principal fator distintivo, o paradoxo inerente a todo curso da atividade humana: *o choque entre as leis do universo físico e o acaso da vontade humana autodeterminada*. Seria, portanto, papel do sociólogo estipular os limites do acaso na ação dos homens, identificando as regularidades e seus desvios, destacando as possibilidades para as quais se dirigem as condutas humanas.

Diante desse enquadramento teórico pioneiro, e levando em conta o processo de recepção tardia<sup>3</sup> da fortuna crítica legada pelo autor ao campo da sociologia, apresenta-se como fundamental o exercício da exegese dos textos, em especial, aqueles que “conversam” com temas fundamentais: a *objetividade do conhecimento social* ou a definição do *objeto* desse fazer científico<sup>4</sup>. Esse é o propósito geral do trabalho: introduzir o leitor brasileiro quanto à problemática que cercava o jovem intelectual – Du Bois tinha apenas 36 anos quando redigiu o texto –, situando-o em um panorama socio-biográfico e oferecendo uma interpretação crítica da proposta de ciência social em correspondência com o que era debatido no período.

Nas próximas páginas, avançaremos sob a dimensão do vivido, apontando para os elementos socio-biográficos que podem ser coligidos para interpretação do contexto de emergência do nosso objeto. Em um segundo tópico, apresentaremos a Feira Mundial de Saint Louis – o espaço ao qual o texto se refere –, um ótimo exemplo do estado em que se encontrava o campo disciplinar das

3 Há algum tempo, havia apenas uma tradução da obra de Du Bois disponível para o português: *As Almas da Gente Negra* (1999). Isso denota o desconhecimento geral do autor, que recebeu pouco ou nenhum destaque durante todo o Século XX em terras brasileiras. Se compararmos a Escola de Atlanta fundada por Du Bois com sua principal concorrente no período, percebemos uma diferença gritante, pois a Escola de Chicago teve tratamento privilegiado no Brasil, formando vários quadros do pensamento social brasileiro por meio de pós-graduação e visitas, tornando-se ainda disciplina em alguns cursos de graduação e pós-graduação nacionais. Com isso em vista, tem se produzido um verdadeiro manancial de textos interpretativos, traduções e organizações de coletâneas e dossiês especializados sobre Du Bois para mudar esse panorama. Uma nova edição/tradução das *Almas do Povo Negro* (2021) e a publicação do conto *O Cometa* (2021) são apenas os frutos iniciais de um conjunto de novas publicações que colocam a recepção desse personagem como parte da agenda de pesquisa nacional dos próximos anos. É nesse esforço interpretativo que quero situar essa singela contribuição, *como parte de uma agenda coletiva de assimilação tardia de um clássico do pensamento social*.

4 O tema da objetividade do conhecimento social e da unidade básica de análise é fundamental para todos que estavam construindo a ciência social durante aquele período histórico. *Sociologia Hesitante* (1905), nesse sentido, dialoga diretamente com uma problemática clássica do pensamento sociológico e responde criativamente ao desafio de se conceber uma ciência da ação social embasada sob seus próprios critérios. Mais do que isso, Du Bois problematiza também a separação entre ciências humanas e naturais que já estava se cristalizando durante aquele período e se tornou ainda mais estanque nas décadas que se seguiram.

ciências humanas, em especial, da sociologia. Por fim, trataremos do documento em sua especificidade, na forma como critica os patriarcas da disciplina e apresenta uma proposta singular de construção do objeto desse campo em estado de germinação.

## 1) Entre a sociologia *hard science* e a crítica social

Quero afirmar que “o meu” Du Bois – a perspectiva da vida e obra que selecionei para construir a minha interpretação de *Sociologia Hesitante* – é aquele que permanece sob a influência dos seus *lehrjahre* (anos de formação) em Berlim<sup>5</sup> e que está implementando na Universidade de Atlanta o primeiro desenho de pesquisa sociológica aplicada nos Estados Unidos da América. Contudo, também é o autor que se depara com o recrudescimento da segregação como forma de exploração do trabalho e de dominação política e moral dos negros na sociedade estadunidense. Portanto, Du Bois estava vivenciando a paradoxal constatação de que a dominação racial não parecia esmorecer diante da ampliação do *Aufklärung* (Esclarecimento).

O autor ainda não havia abandonado a sua crença no potencial emancipador da verdade científica e buscava nos métodos qualitativos e quantitativos da ciência social as ferramentas para dismantelar as teorias eugenistas que permaneciam firmes na areia movediça de suas crenças, naquela virada do Século XIX para XX. Trata-se de um Du Bois, portanto, muito diferente daquele apresentado por Stuart Hall (2017) para construir sua teoria do discurso – o “velho” Du Bois de *Dusk of Dawn* (1940) – e talvez mais parecido com o de Kwame Anthony Appiah (1997) e Paul Gilroy (2012), que tratam do “jovem” professor, engajado na luta política e crente – ainda em alguma medida – no poder transformador da verdade científica.

---

5 Du Bois esteve na Alemanha entre 1892 e 1894 como bolsista do Fundo Slater para educação dos negros criado dez anos antes. O nosso autor conseguiu essa indicação após pressionar a comissão que gerenciava os fundos e, especialmente, o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Rutherford Birchard Hayes (1822-1893), que pouco antes havia divulgado publicamente a possibilidade de destinação dos recursos do fundo para a internacionalização de intelectuais negros (voltando atrás em carta de resposta endereçada ao próprio Du Bois referente ao seu pedido de financiamento). Durante sua estadia no continente europeu, Du Bois visitou uma série de cidades: Berlim, Munique, Weimar, Frankfurt, Heidelberg, Mannheim, Stuttgart, Strasbourg, Nuremberg, Dresden, Praga, Cracóvia, Gênova, Nápoles, Veneza e Roma (Du Bois, 2007: 24). Essa experiência foi importante para a formação do *scholar* americano, pois ali ele tomou conhecimento da discriminação que judeus e poloneses sofriam em seus respectivos territórios (Horne, 2010: 15), conheceu as disparidades da outrora idílica imagem construída sobre a nação alemã, travou contato com diferentes figuras do pensamento econômico e sociológico alemão daquele período (Schmoller, Treitsche, Wagner, Sering e Weber) e solidificou sua formação na área de estatística, conhecimento aplicado nos seus anos de professor e pesquisador em Atlanta.

Mas, se ambos os autores escolheram obras publicadas de ampla circulação – o primeiro tendo escolhido o artigo *A Conservação das Raças* (1897) e o segundo, o famoso livro *As Almas do povo Negro* (1903) –, o manuscrito que investi-guei data de 1905 e não foi publicado em vida por Du Bois. Ele está no formato de conferência e creio que poderia muito bem ser tomado como uma resposta imaginada de Du Bois caso tivesse sido convidado como conferencista no *Congresso de Artes e Ciências*, o braço intelectual da *Feira Mundial de Saint Louis*.

O período no qual o nosso texto foi redigido prefacia o rompimento da conturbada relação entre Du Bois e Booker T. Washington (1856-1915). Ambos sempre se trataram com uma estima desconfiada. Porém, naquele momento, nosso autor decide construir um movimento autônomo frente às linhas acomodacionistas da “máquina de Tuskegee” que Washington representava. Du Bois e William Monroe Trotter (1872-1934) fizeram parte do quadro fundador, apenas um ano após a feira mundial de Saint Louis, do Movimento do Niágara<sup>6</sup> (1905), cujo principal objetivo era a radicalização da luta pelos direitos civis e contra a segregação. A decisão pela organização do movimento pode ser entendida como uma resposta mais firme por parte do movimento negro *tanto* à ideologia do progresso lento, gradual e em conformidade com o *status quo* dos interesses filantrópicos *quanto* com relação aos frequentes linchamentos e perseguição orquestradas no sul e também no norte dos Estados Unidos.

Sem dúvida alguma, o momento da redação do texto culmina em um processo de transformação e radicalização das respostas críticas do jovem *scholar* aos dilemas raciais dos Estados Unidos da América. Àquela altura, Du Bois já desacreditava que o esforço científico – na refutação das teses eugenistas e na comprovação das possibilidades emergentes dos negros estadunidenses – pudesse sozinho rasgar o véu e destruir a linha de cor (Lewis, 1993: 225). Seria necessário, antes, um engajamento político poderoso na luta pela reconquista daqueles direitos que pareciam desvanecer sobre a fria noite polar da segregação racial perpetrada pelas leis Jim Crow (1870-1960).

Ao mergulhar na dimensão biográfica, percebem-se dois acontecimentos fundamentais para intensificação desse processo de transformação de suas ideias – que já havia começado na virada de século: 1) o linchamento de Sam Hose em 1899 na cidade de Coweta County – hoje parte da região metropolitana de Atlanta –, que marcou definitivamente a visão de Du Bois sobre a sua prática

6 O Movimento do Niágara foi uma associação civil que lutou pelo direito dos negros, batizada com o nome da catarata, pois a sede do primeiro encontro aconteceu na região. A declaração de princípios do movimento tornou-se um marco na luta contra os segregacionistas dos Estados Unidos da América. Ver: *Niagara Movement* (1905).

enquanto intelectual; e 2) a morte do seu filho primogênito, que solidificou o ceticismo quanto a proposições acomodacionistas e fortaleceu a crença na luta coletiva como recurso indispensável à emancipação social do povo negro. Um relato redigido pelo próprio autor pode nos ajudar a compreender o impacto causado pelo primeiro acontecimento:

No caminho a notícia me encontrou: Sam Hose havia sido linchado e eles disseram que as suas juntas estavam em exibição em uma mercearia próxima, um pouco mais adiante na Mitchel Street, rua pela qual eu estava andando. Voltei para a Universidade. Comecei a me distanciar do meu trabalho. Não me encontrei com Joel Chandler Harris e nem com o editor da *The Constitution*. Depois disso, duas considerações irromperam no meu trabalho e, por fim, o interromperam: primeiro, ninguém poderia ser um calmo, frio e imparcial cientista enquanto os negros eram linchados, assassinados e morriam de fome; e segundo, não havia uma demanda definida de trabalho científico do tipo que eu estava fazendo, como eu tinha confiantemente assumido que seria facilmente revelada. (Du Bois, 2007: 34, tradução nossa).

As impressões causadas por esse tremendo choque de realidade não poderiam ser diferentes. Du Bois definitivamente percebeu que o estudo dissociado da luta política seria infrutífero para a superação do racismo e que nenhuma neutralidade axiológica seria possível na terra onde seus semelhantes padeciam das mortes mais cruéis, inclusive sob a formalidade jurídica de uma segregação racial que se impunha crescentemente naquele período.

Um mês depois dessa ocorrência, Du Bois perdeu o pequeno Burghardt, com apenas dois anos de vida, após complicações em decorrência de um caso de difteria. O seu primogênito havia partido e sua esposa não lhe perdoaria por tê-los levado para uma cidade tão hostil (Lewis, 1993: 228), tendo em vista que os negros não eram aceitos em muitos consultórios médicos, inclusive seguindo a prescrição de alguns economistas e sociólogos que apresentaram trabalhos na Feira Mundial de Saint Louis (objeto da próxima seção). Em alguns meses, Du Bois perdera a fé inocente na identidade entre progresso científico e social e sentira na própria pele os efeitos da segregação racial que tirara a vida de Sam Hose e também privara seu rebento do melhor atendimento médico.

O resultado final desse mergulho introspectivo no contexto biográfico ao qual está vinculada a crítica presente em sua *Sociologia Hesitante* permite compreender que esse texto possui forte implicação das problemáticas epistemológicas da nascente sociologia, mas também já carrega uma posição muito mais engajada, de fronteira, e que seria a marca registrada de Du Bois no decorrer de sua obra.

## 2) *Meet me in Saint Louis, Louis... Meet me at the fair?*<sup>7</sup>

A Feira Mundial de Saint Louis seguia o roteiro das Exposições Universais (Greenhalgh, 1988), as quais foram festejos frequentes no último quarto do Século XIX e começo do Século XX e celebravam a modernidade, racionalidade e o progresso das potências coloniais do ocidente. A competição era feroz para apresentar os maiores inventos, as mais criativas soluções e as gigantescas descobertas científicas que surgiam nesse grande encontro das faustosas elites do dinheiro e do conhecimento. As feiras combinavam os símbolos tecnológicos do progresso – eletricidade, maquinário, trens, carros e até mesmo aviões<sup>8</sup> – com a mais cruel barbárie, como as exposições zoológicas de seres humanos, dos “selvagens” (Koutsoukos, 2020) que exibiam seus corpos e se degradavam em performances<sup>9</sup>, para, por meio do choque, agradar ao gosto momentâneo pelo exótico e por sua exploração em moldes tipicamente capitalistas.

Os cientistas e intelectuais dos diferentes campos do conhecimento – legitimados e em vias de legitimação – foram convidados para compor painéis e conferências, sob uma classificação composta por divisões e departamentos. Algumas das divisões eram: Filosofia; Metafísica; Estética; Matemática; História do Direito; Religião; Literatura; Arte; História da Linguagem; Medicina; Tecnologia; Astroномia; Ciências da Terra; Educação; Antropologia; Ciências Mentais; Jurisprudência; Ciências Sociais, dentre outras. A *Sociologia Hesitante* começa criticando exatamente as distinções classificatórias feitas pelos organizadores do evento:

O Congresso de Artes e Ciência em St. Louis no verão passado serviu para enfatizar dolorosamente a situação atual da sociologia; pois o devoto do

7 Esse é o famoso refrão da música tema da Feira Mundial de Saint Louis, redigida por Andrew B. Sterling e musicada por Kerry Mills. É mais conhecida pela voz de Judy Garland no filme homônimo do famoso diretor de musicais Vincente Minnelli, na tradução brasileira *Agora Seremos Felizes* (1944).

8 Consta nos relatos históricos que Santos Dumont (1873-1932) foi um dos expositores da feira, levando o seu avião para apreciação dos admiradores da inovação. Há, inclusive, uma daquelas antigas fotos “desenhadas” com a imagem do avião em uma edição da revista *Cosmopolitan* (Walker, 1904), que, em época, era considerada “uma revista para a família norte americana”.

9 Dois exemplos expostos na própria Feira Mundial podem ser citados. Primeiro, o caso de Ota Benga, retirado do continente africano pelo missionário presbiteriano Samuel Veirner, que se apresentava como parte do povo pigmeu – o “elo perdido” entre o homem e o macaco. O trágico fim de Benga é relatado na biografia *Spectacle: the astonishing life of Ota Benga* (2016), de Pamela Newkirk. Havia exposições encenadas de diferentes povos: Chineses, Japoneses, Irlandeses, Tiroleses, “Mouriscos”, Indianos, a encenação da guerra dos Bôeres e também os povos autóctones da colônia das Filipinas recém-conquistada pelos estadunidenses, incluindo Visayans, Moros, Bagobos, Negritos e Igorôs (Rydell, 2013: 3367). Este último grupo – os Igorôs – foram obrigados a apresentar constantemente um ritual específico de sua religião para estimular o consumo das massas pelo exótico mundo selvagem: *o ato de se alimentarem da carne de cachorros*. Os anúncios de jornais sobre a Feira sempre citavam a “pitoresca” apresentação dos Igorôs.



culto fez a estranha descoberta de que a continuação de sua inclinação ameaçava um violento desmembramento pessoal. Seus objetos de interesse foram distribuídos de forma bastante imparcial em ao menos seis das sete grandes divisões da ciência: economia, aqui; etnologia, ali; uma coisa chamada “sociologia” oculta sob a ciência mental, e as coisas realmente sociológicas enfiadas todas em um saco rotulado de “regulação social”. Entre outras coisas mais (Du Bois, 1905: 1, tradução nossa).

A divisão *Ciência Mental* conjugava os “departamentos” de psicologia e sociologia em um mesmo corpo. Isso porque boa parte dos textos da sociologia norte-americana comungava da procura por uma base psicologista para determinação da unidade de análise de nossa ciência. Sob esse escopo, é possível perceber os nomes de sociólogos eminentes como William Isaac Thomas (1863-1947) e Edward Alsworth Ross (1866-1951), que escreveram ambos em uma subdivisão do departamento de sociologia chamada “psicologia social”. Du Bois percebeu que, na organização das apresentações, a sociologia geral ou teórica ficou na divisão das “Ciências Mentais”, enquanto se constituiu uma divisão própria para a sociologia aplicada chamada de “Regulação Social”. Esta contava com os departamentos de Ciências Sociais, Jurisprudência e Política.

Na Política, os trabalhos de Bernard Moses (1846-1931) e Paul Samuel Reinsch (1869-1923) tratavam da questão racial na perspectiva colonial e até mesmo sua colega de pesquisa Jane Addams<sup>10</sup> (1860-1935) fora convidada para tratar do problema da administração Municipal por sua ação social na Hull House<sup>11</sup> de Chicago. No departamento de Ciências Sociais, havia os trabalhos de Max Weber (1864-1920) e Werner Sombart (1863-1941), o primeiro versando sobre as questões camponesas do leste alemão e o segundo, especificadamente, sobre os grupos industriais e da possibilidade da constituição de uma consciência de classe ativa dentre os proletários<sup>12</sup>. Portanto, por mais que ainda não fosse uma ciência reconhecida nas grandes universidades norte-americanas, a

10 As relações intelectuais entre Du Bois e Jane Addams foram bastante significativas. Ambos tinham interesse no combate à pobreza e à violência. Suas militâncias se cruzavam para além do interesse acadêmico, como bem nos informa Mary Jo Deegan (1988).

11 Hull House era uma casa que fornecia atividades culturais e abrigo para imigrantes europeus. Ela foi fundada por Jane Addams e Ellen Gates Star em 1889 e permanece aberta até hoje como museu e casa de cultura.

12 O autor foi esquecido da sociologia porque, no final da vida, foi um apoiador do Terceiro Reich. Contudo, naquela época, era um grande divulgador do pensamento marxista. Em sua conferência na Feira Mundial, Sombart (1906: 791, tradução nossa) chegou a afirmar: “Na linguagem de Hegel e Marx, esse tipo de investigação seria chamado de método dialético. E este é o método de investigação que será adotado aqui”. É um método aplicado para se entender as possibilidades de desenvolvimento de um movimento proletário autoconsciente nos EUA.

sociologia foi bem representada pela seleção de autores escolhidas pelos oficiais do congresso, em especial, os dois vice-presidentes: Albion Woodbury Small (1854-1926) e Hugo Münsterberg (1863-1916).

Entretanto, Du Bois não foi convidado pelos organizadores da feira, o que era um fato comum no processo de silenciamento do autor dentro do campo em constituição da sociologia estadunidense. A esse respeito, a tese de Aldon Morris (2015) de que o processo de esquecimento de Du Bois do cânone dos Estados Unidos da América começa por esse tipo de tratamento – que o autor já recebia em seus primeiros anos de atuação como sociólogo – não pode ser mais bem representada do que por essa ausência. Deve-se considerar ainda que Du Bois era reconhecido como pesquisador importante e que já havia contribuído, inclusive, nos eventos da Associação Americana de Sociologia (Du Bois, 1898) poucos anos antes do evento.

Embora não tenha sido convidado, o autor provavelmente foi às conferências (Morris, 2015: 24) e travou contato com boa parte dos acadêmicos que visitaram a exposição mundial, divulgando o seu trabalho e estabelecendo vínculos. O café da manhã que marcou o encontro de Max Weber e W. E. B. Du Bois é um bom exemplo desse intercâmbio (Pedron, 2022). Ele aconteceu no dia 25 de setembro em Saint Louis – apenas 4 dias após a apresentação do alemão no Congresso de Artes e Ciências. Pelas trocas de correspondência posteriores ao encontro (Chandler, 2007), percebemos que a conversa entre ambos foi bastante produtiva, ao ponto de Weber requerer o seguinte ao *scholar*: o envio de bibliografia sobre a questão racial no sul estadunidense; um artigo para publicação na *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*; e, por fim, a sua permissão para a tradução das *Almas do Povo Negro* para o Alemão. Em uma das cartas, Weber chega a afirmar que se convenceu – por causa de Du Bois – de que a grande questão do Século XX seria o problema da linha de cor<sup>13</sup>. A impressão positiva permaneceu durante algum tempo e Weber chegou inclusive a citar Du Bois (Weber, 1973) em uma disputa acadêmica que travou com o eugenista Alfred Ploetz (1860-1940) no primeiro encontro da Sociedade Alemã de Sociologia em Frankfurt no ano de 1910 (Adair Toteff, 2005).

O Congresso de Artes e Ciências da Feira Mundial de Saint Louis é um ótimo ponto de vista para se tratar da formação institucional do campo da sociologia. A confusão disciplinar e os maus usos das classificações podem exemplificar a imaturidade das proposições teóricas sobre o objeto dessa ciência. Os processos

13 “Porque estou absolutamente convencido de que o problema da ‘linha de cor’ será o principal do tempo que está por vir, aqui e em qualquer lugar do mundo” (Weber apud Scaff, 2011: 258, tradução nossa).

de exclusão e silenciamento também são elementos que podemos retirar da avaliação desse “megaevento” cultural, pois favorecem o entendimento dos critérios de seleção e discriminação daqueles que podem ou não representar o pensamento social de um país e de uma comunidade científica em um determinado período. No próximo tópico, completaremos essa abordagem destacando o texto em sua singularidade, enfatizando para o caráter relacional das proposições de Du Bois, alicerçadas em críticas aos *estabelecidos* (Elias e Scotson, 2000) da sociologia europeia e de sua variante local<sup>14</sup>.

### 3) A Sociologia Hesitante

Du Bois criticou a organização do evento e a disposição de suas classificações da parte de um intelectual exilado em sua própria pátria, um *outside insider* (Fields, 2012: 239) que possuía formação similar – Harvard e Berlim<sup>15</sup> – e acesso aos canais de circulação e debate de ideias sem, contudo, o mesmo acesso aos cargos das grandes universidades, os quais eram destinados apenas aos letrados brancos. Contudo, sua crítica não é ressentida, mas é oriunda das problemáticas levantadas durante as conferências para sustentar uma vigorosa avaliação do paradoxo no qual se encontravam as Ciências Sociais daquele período específico. A respeito de Auguste Comte (1798-1857), ele afirma:

O profeta realmente teve uma visão de duas coisas, as vastas e desconcertantes atividades dos homens e as linhas de ritmo que coordenam algumas dessas ações. Então ele disse: “agora, nas ciências inorgânicas, os elementos são muito mais conhecidos por nós do que o todo do qual eles se constituem;

14 Se é forçoso dizer que havia condições sociais para a circulação internacional das ideias (Bourdieu, 2002), não é de pouca monta destacar o trânsito entre diferentes concepções de pensamento social e o esforço por se constituírem sociedades e eventos nacionais e internacionais de sociologia nesse período histórico específico.

15 É significativo que boa parte dos intelectuais norte-americanos da área de humanas que participaram do Congresso de Artes e Ciências foram, em algum momento, alunos das universidades alemãs. O próprio Du Bois fez uma “internacionalização” – para usarmos termos mais atuais – estudando em Berlim. Não era diferente para a grande maioria: o economista Richard T. Ely se doutorou em Heidelberg; o cientista político William Archibald Dunning estudou com Treitschke em Berlim; Edward Alsworth Ross se graduou em Berlim; o educador Georg Elliot Howard estudou legislação romana em Berlim etc. Os nomes citados possuíam uma combinação singular de pensamentos hoje considerados antagônicos: *eugenia e defesa de uma intervenção estatal ativa na economia*. O caso de Edward Ross é o mais emblemático. Ele foi expulso dos quadros de Stanford por seu ataque à imigração Chinesa e defesa da esterilização de pessoas de raças supostamente inferiores; ao mesmo tempo, foi um dos maiores apoiadores da revolução de 1917, participando de uma comissão diplomática para observar as mudanças ali empreendidas. Ely também partilhava dessa mistura que, aos nossos olhos, parece tão incomum. Defensor de um Estado forte e pragmático, foi uma das referências do *New Deal* e também um assíduo defensor da eugenia e da prática do que se convencionou chamar de *redlining*.

de modo que, nesse caso, devemos proceder do simples para o composto. Mas o método reverso é necessário no estudo do homem e da sociedade: o homem e a sociedade como um todo são mais conhecidos por nós e mais acessíveis em seus conteúdos de estudo do que as partes que os constituem”. E desta máxima foi construída uma ciência não da ação humana, mas da “sociedade”, uma sociologia [...] Após enfatizar esse ponto, entretanto, Comte ficou estranhamente hesitante em assinalar quais os elementos reais da sociedade que em algum momento poderiam ser estudados – seriam eles homens, células, átomos ou algo mais sutil do que qualquer um desses? Aparentemente ele não tinha resposta, mas transitou rapidamente para o estudo da “sociedade”. E ainda “sociedade” era apenas uma abstração. Era como se Newton, percebendo a queda como característica da matéria e explicando esse fenômeno como gravitação, tivesse imediatamente buscado estudar alguma entidade estranha conhecida como queda ao invés de investigar sobriamente as coisas que caem. (Du Bois, 1905: 1-2, tradução nossa).

As figuras de Comte e Herbert Spencer (1820-1903) são frequentemente citadas pelos conferencistas que procuravam traçar a origem e a unidade temática da sociologia. Ambos eram tratados como figuras superadas e apresentados como os precursores do moderno pensamento sociológico. Contudo, nessa passagem, Du Bois conecta a crítica do tempo presente àquela da constituição do campo, pois apresenta em um parágrafo a origem do erro que durante anos perdurou no tratamento dos fenômenos sociais: a inversão do particular para o geral, i.e., *a investigação dos fenômenos sociais não pelas ações de indivíduos reais, mas por abstrações gerais que configuravam um todo*. É nesse sentido que ele usa a figura metafórica de Newton que, seguindo o raciocínio de Comte, estudaria a queda em si, e não o movimento dos corpos que caem. O vício de origem conduziu os pesquisadores da sociologia a continuarem errando, pois:

Ao invés de buscar os homens como a unidade natural do homem associado, desviaram-se ainda mais para linhas metafísicas e, confundindo coisas com o pensamento das coisas, eles procuraram não o elemento real da sociedade, mas a gênese das nossas ideias sociais. A sociedade tornou-se para eles um modelo de ação mental, e seus germes eram – de acordo com suas ingenuidades – “consciência da espécie”, “imitação”, “imperativo social”, e semelhantes (Du Bois, 1905: 3-4, tradução nossa).

Então, o processo de desenvolvimento da sociologia passava do campo do organicismo, evolucionismo e da analogia biológica para desembocar na

construção de modelos de associação psicológicos. A divisão das ciências mentais constituídas para as conferências do congresso exemplifica essa nova tendência: *transformar os fenômenos sociais em expressões de uma mentalidade coletiva, uma consciência social acima dos indivíduos, com exterioridade e autonomia*. Os três conceitos citados no final do excerto são de autores que participaram da feira ou que nela foram frequentemente citados, como no caso da *imitação* de Gabriel Tarde (1843-1904), que morreria um pouco mais cedo naquele ano.

O conceito de *Imperativo Social* de Samuel McCune Lindsay (1869-1960) é um bom exemplo. O autor o caracteriza como uma unidade da sociologia tal qual a molécula na química, a célula na biologia, o átomo na física e a sensação na psicologia. A ciência que tratava da sociedade possuiria como unidade o *imperativo social*: “a influência modificadora que faz o indivíduo agir de maneira diferente na presença de seu semelhante da maneira como ele provavelmente agiria nas mesmas circunstâncias se estivesse sozinho” (Lindsay, 1898: 218, tradução nossa). Seria, portanto, a incidência de um *Dever* socialmente reconhecido sob a ação do indivíduo que leva em conta a presença de seus pares. Para Lindsay, o conceito permitiria uma mensuração quantitativa e, ao mesmo tempo, conferiria um elemento qualitativo a definição dos valores que determinavam as ações individuais.

Du Bois também cita o conceito de *consciência de espécie*, que foi elaborado pelo catedrático da prestigiada Universidade de Columbia, Franklin Henry Giddings (1855-1931). O autor fora convidado para abrir as exposições do departamento de Sociologia no Congresso de Artes e Ciências da Feira Mundial de Saint Louis. Em sua exposição, Giddings tratou dos conceitos e métodos da sociologia, fazendo referências aos recém falecidos Spencer e Tarde e, também, ao pai da sociologia (Comte). Mais do que isso, Giddings apresentou sua leitura psicologista da teoria da simpatia<sup>16</sup>, a qual permitiria estender a ideia de reciprocidade e imitação as configurações sociais: “em suma, é uma visão da sociedade como um modo de atividade mental” (Giddings, 1908: 788).

Os estímulos sob a matéria sensível provocariam as atividades mentais que, por sua vez, estariam na origem das relações entre diferentes organismos, posto

---

16 As teorias da simpatia remetem ao legado filosófico de Adam Smith (1723-1790). Na sua teoria dos sentimentos morais (1759), o autor defende, em um dos primeiros capítulos, a ideia de simpatia como principal referência para determinar a similaridade de situações que são experimentadas pelos indivíduos. A moralidade comum seria possível porque sentimos, pensamos e vivemos as coisas sob faculdades semelhantes. Inclusive, tanto Giddings quanto Lindsay referendam o caráter da necessidade econômica como determinante no impulso para o relacionamento entre os pares.

que seriam universais de toda uma espécie. Dessa similaridade de situação, depreenderia uma consciência, primeiro por meio de uma simpatia orgânica<sup>17</sup> e instintiva e depois fundamentada em uma consciência reflexiva e daria um cariz racional à consciência coletiva de uma determinada comunidade. Com base nisso, seria necessário apenas um passo para afirmar que “a mente social é aquela simpatia e inteligência simultânea dos que pensam da mesma maneira que resulta em propósitos comuns e atos combinados” (Giddings, 1919: 128). A unidade básica da sociologia, para o autor, seria a *Consciência da Espécie*, pois ela é a forma pela qual se processa esse reconhecimento comum compartilhado.

É exatamente contra o tipo de solução que Du Bois erige sua concepção de sociologia fundada na ação humana. Para ele, por detrás de todas as soluções empregadas pela tradição do pensamento sociológico, no afã de identificar o seu objeto, estava implícita a questão paradoxal de que o objeto da nossa ciência seria composto por regularidade e acaso. A analogia com o pensamento biológico, com os sistemas físicos e também com as sensações psicológicas respondiam ao dilema de tentar enquadrar sob leis gerais e abrangentes as peculiaridades das ações sociais. Essas possuíam um ritmo passível de padronização, mas também seriam passíveis de transformações acidentais, aleatórias e imprevisíveis em qualquer sistema ou ordenamento geral abstrato.

“O que é, então, a sociologia? Simplesmente uma tentativa de descobrir as leis subjacentes à conduta do homem” (Du Bois, 1905: 5, tradução nossa). Em apenas uma frase, o autor resume sua definição de sociologia, definição muito mais sintética e transparente do que as elucubrações teóricas dos que lhe negaram participação no Congresso de Artes e Ciências. Tratava-se de descobrir as leis subjacentes à conduta do homem levando em conta: a) o ritmo constante das ações humanas; e b) o caráter incalculável desta mesma ação, ou seja, enfrentando os cientistas naturais que, em sua época, atribuíam estatuto de cientificidade minorado a todo campo de conhecimento que não conseguisse exprimir suas descobertas no “quadrado” formato das leis gerais e especiais, além de enfrentar o senso comum que atribuía uma liberdade total à vontade humana, sem constrangimento de qualquer ordem.

Faltava ao pensamento sociológico a coragem para afirmar a sua idiosincrasia constituinte. Somente assim o sociólogo poderia se assegurar como pesquisador, “pegando o problema pela unha” e tentando solucioná-lo da

17 Parece dialogar diretamente como Durkheim e, em alguns momentos, as ideias de Giddings possuem relevantes pontos de contato. Contudo, o próprio autor critica Durkheim, pondo-o sob a pecha de um tipo de interpretação mental que tornava a sociedade presa à sugestão e à hipnose (Giddings, 1908: 789).

melhor forma possível. É isso que os verdadeiros estudantes da sociologia – em parte aqueles que a praticavam na escola de Atlanta – estavam fazendo naquele momento, pois:

Eles recusaram obscurecer sua razão com entidades metafísicas não descobertas, e impossíveis de se descobrir, e também se recusaram a negligenciar a maior abrangência possível do campo científico porque são incapazes de achar leis similares as leis de gravitação. Eles assumiram um mundo de leis físicas povoado por seres capazes em algum grau de ações inexplicáveis e incalculáveis de acordo com essas leis. E seu objetivo tem sido determinar, tanto quanto o possível, os limites do incalculável – para medir, se você quiser, o absoluto kantiano e indeterminado ego (Du Bois, 1905: 6, tradução nossa).

Somente mediante essa coragem intelectual seria possível enfrentar o grande dilema por detrás desse esforço enorme que os seus pares faziam para se associar ao cânone das ciências físicas, químicas e biológicas, isto é, *superar a dualidade cindida entre as ciências naturais e as ciências humanas*. A solução para Du Bois seria reconhecer as diferenças entre ambas e compreendê-las como complementares, pois, se a Lei cobre no tempo e no espaço a maior parte daquilo que acontece no mundo e em todo o universo, aquilo que sobra – o acaso – permanece passível de explicação e, no contexto sociológico, adquire sua maior relevância, pois o imponderável remete à “vontade humana livre capaz de escolhas indeterminadas” (Du Bois, 1905: 7, tradução nossa).

## Considerações finais

Em *Sociologia Hesitante* (1905), estão as respostas para as perguntas levantadas no Congresso de Artes e Ciências da Feira Mundial. Nesse manuscrito não publicado em vida, estão as contribuições de William Edward Burghardt Du Bois para o encontro, as quais podem servir hoje como *chaves de ouro* no entendimento da origem do pensamento sociológico e dos limites sociais que constituíram o nosso próprio cânone. Tais contribuições podem também fortalecer o exercício de uma autorreflexão sob a nossa prática, tanto para entendermos aquilo que é limitado na própria origem das nossas concepções científicas quanto para descobrirmos aqueles pensadores que foram obliterados de nossas tradições – seja por racismo, sexismo, homofobia ou xenofobia – e podem nos ajudar a entender esse moderno mundo de *lei* e de *acaso* que configura também a vida social do nosso pensar.

Essa compreensão da problemática sociológica em termos epistêmicos pode ser contrastada<sup>18</sup> com a tese de Max Weber sobre a *Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais* (Weber, 2015) ou até com as definições de fatos sociais como elaboradas por Émile Durkheim nas *Regras do Método Sociológico* (2007). Ambos os autores pretendem responder ao dilema da procura por regularidades em fenômenos humanos complexos e contingentes. Weber enfoca na dimensão probabilística das ações sociais sob um modelo de causalidade frouxa (Ringer, 2004) e Durkheim enfatiza o comportamento coletivo em vez da motivação individual, como no clássico uso das estatísticas para a compreensão da dimensão social presente na *personalíssima* decisão que leva ao suicídio (Durkheim, 2000).

Podemos depreender dessa pequena investigação sobre o manuscrito em relação ao seu contexto de formação – individual e histórico – que o trabalho se configura como um precursor das propostas sociológicas que procuravam identificar como unidade básica do nosso campo a ação social atribuída a grupos humanos reais. Isso significa uma posição frente a todas as sociologias que buscavam na constituição de entidades abstratas a solução para os limites de se fundar uma ciência sob os desígnios do livre devir da vontade humana. Do ponto de vista da biografia da obra, a *Sociologia Hesitante* está em um momento de transição: *entre aquelas primeiras obras de sociologia mais “duras”, nas quais Du Bois enfrentava com números e dados as “certezas” propaladas pelas teorias eugenistas, e a crítica engajada em um processo de revolução política.*

Posso afirmar que essa conferência imaginada já seria uma inflexão pelo fato de demarcar uma posição firme dentro do campo científico, em contraposição aos principais expoentes das gerações passadas, propondo-se a uma superação dos dilemas por eles apresentados de maneira francamente inovadora para os parâmetros enaltecidos na Feira Mundial de Saint Louis. Ao fim e ao cabo, penso que ainda muitos aspectos desse acontecimento histórico podem ser explorados para acrescentar elementos à história do pensamento social, tanto das relações possíveis entre Du Bois e outro clássico que com ele se encontrou no período – Max Weber e até Marianne Weber em suas visitas aos movimentos sociais estadunidenses (Scaff, 2011) – quanto daquilo que se concebia como ciência social no começo do Século XX, por exemplo, os debates que aconteceram no Congresso de Artes e Ciências sobre o estatuto científico da sociologia.

---

18 Em trabalhos futuros, pretendo contrastar mais detidamente as concepções sociológicas de Du Bois e aquelas pensadas pelos “patriarcas” da sociologia. Creio ser possível encontrar pontos de contato e de diferença que certamente fortalecerão o entendimento das inovações teóricas e empíricas proporcionadas pelo pensamento *duboisiano*.



O resgate do nosso passado disciplinar e das tradições esquecidas do campo sociológico permitirá a reconstrução teórica (Burawoy, 2014) desse legado à luz de nossas atuais preocupações, reconfigurando a tradição e reorientando a preocupação do pensamento social para temáticas fundamentais para a sociologia do Século XXI. O trabalho social de revisão do cânone ao qual este artigo modestamente pretende se vincular atinge diferentes grupos sociais, sendo responsável pela articulação entre a história oficial e a memória de uma coletividade cada vez mais internacional. Exemplos em outras áreas do nosso campo de investigação também podem ser destacados, como o resgate das pioneiras do pensamento sociológico (Lengermann e Niebrugge, 2007; Daflon Campos, 2022). Esses esforços só fortalecem a ideia de que, para além do “véu canônico”, há uma pluralidade de caminhos a serem percorridos e uma diversidade de clássicos a serem observados, muito além da tríade consagrada pela tradição de uma ciência constituída para investigar a *transformação social* da qual ela mesma faz parte (Giddens, 1991).

## Referências

- ADAIR-TOTTEFF, Christopher. Sociological Beginnings: The First Conference of the German Society for Sociology. *Studies in Social and Political Thought*. Liverpool, Liverpool University Press, 2005.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das idéias. Tradução de Fernanda Abreu. *Revista Enfoques*. Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12679>>. Acesso em: 24 set. 2023.
- BURAWOY, Michael. *Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica*. Tradução de Marcelo Cizaurre Guirau e Fernando Rogério Jardim. São Paulo, Alameda, 2014.
- CHANDLER, Nahum. The Possible Form of an Interlocution: W. E. B. Du Bois and Max Weber in Correspondence, 1904-1905. *CR: The New Centennial Review*. East Lansing, v. 7, n. 1, 2007, pp. 213-272. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41942899>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- DAFLON, Verônica Toste e CAMPOS, Luna Ribeiro (orgs). *Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais no século XVIII e XIX*. Niterói, EDUFF, 2022. Disponível em: <[http://labgen.uff.br/wp-content/uploads/sites/77/2022/08/PIONEIRAS-DASOCIOLOGIA\\_ebook.pdf](http://labgen.uff.br/wp-content/uploads/sites/77/2022/08/PIONEIRAS-DASOCIOLOGIA_ebook.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2023.

- DEEGAN, Mary Jo. W. E. B. Du Bois and the women of hull-house, 1895–1899. *American Journal of Sociology*. Chicago, v. 19, 1988, pp. 301-311. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/BF02691827>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro, Lacerda, 1999.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas do povo negro*. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo, Veneta, 2021.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *Dusk of dawn: an essay toward an autobiography of a race concept*. Introdução de Anthony Appiah. New York, Oxford University Press, 2007.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *O cometa + O fim da supremacia branca*. Tradução de André Capilé e Cecília Floresta. São Paulo, Fósforo Editora, 2021.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. Sociology Hesitant. *Boundary 2*. Durham, v. 27, n. 3, 2000, pp. 37-44. Disponível em: <[muse.jhu.edu/article/3310](http://muse.jhu.edu/article/3310)>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *Sociology hesitant*. W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). Amherst, Special Collections and University Archives/University of Massachusetts Amherst Libraries, 1905.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. The Study of the Negro Problems. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*. Thousand Oaks, v. 11, jan. 1898, pp. 1-23. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1009474>>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martin Claret, 2007.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000
- FIELDS, Karen. Individuallity and the Intellectuals: an imaginary conversation between Emile Durkheim and W. E. B. Du Bois. In: FIELDS, Barbara e FIELDS, Karen. *Racecraft: the soul of inequality in American life*. New York, London, Verso Books, 2012.
- GIDDINGS, Frankin Henri. the concepts and methods of sociology. In: ROGERS, Howard J (edit). *Congress of arts and science universal exposition*. London/New York, University Alliance, 1908, pp.787-799.
- GIDDINGS, Frankin Henri. *The Elements of Sociology: a text book for Colleges and Schools*. New York, MacMilliam Company, 1919.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, Editora Unesp, 1991.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2012.

- GREENHALGH, Paul (org). *Ephemeral vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939*. London, Manchester University Press, 1988.
- HALL, Stuart. *The Fateful Triangle: race, ethnicity, nation*. Cambridge, Harvard University Press, 2017.
- HORNE, Gerald. *W. E. B. Du Bois: A Biography*. Connecticut, Greenwood Press, 2010.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2020.
- LENGERMANN, Patrícia Madoo e NIEBRUGGE, Gillian (orgs.). *The Women Founders: Sociology and Social Theory 1830-1930*. Long Grove, Waveland Press, 2007.
- LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: biography of a race: 1868-1919*. New York, H. Holt, 1993.
- LINDSAY, Samuel McCune. The Unit of Investigation or of Consideration in Sociology. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*. Thousand Oaks, v. 12, 1898, pp. 42-56. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1009631>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- NIAGARA MOVEMENT. *Niagara Movement declaration of principles*. W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). Amherst, Special Collections and University Archives/University of Massachusetts Amherst Libraries, 1905.
- MORRIS, Aldon D. *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. California, California Press, 2015.
- PEDRON, Caio César. *Meet me in Saint Louis, Louis... meet me at the fair?: Du Bois, Max Weber e a "Sociologia hesitante" no começo do século 20*. Nexo Políticas Públicas/ Afro – Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial. *Nexo Jornal*, 20 dez. 2022. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/opinia0/2022/Meet-me-in-Saint-Louis-Louis...-meet-me-at-the-fair-Du-Bois-Max-Weber-e-a-%E2%80%98Sociologia-hesitante%E2%80%99-no-come%C3%A7o-do-s%C3%A9culo-20>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- POLLACK, Michael. Max Weber: Elementos para uma biografia sócio-intelectual. *Estudos de Antropologia Social – MANA*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1996.
- RINGER, Fritz K. *A metodologia de Max Weber: unificação das ciências culturais e sociais*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo, Edusp, 2004.
- RYDELL, Robert W. *All the World's a Fair: Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916*. Chicago, University of Chicago Press, 2013, Edição do Kindle.
- SCAFF, Lawrence. *Max Weber in América*. Princeton, Princeton University Press, 2011.
- SOMBART, Werner. The Industrial Group. In: ROGERS, Howard J (edit). *Congress of arts and science universal exposition*. Cambridge, Riverside Press, 1906, pp. 791-799.
- WALKER, John Brisben. *The Cosmopolitan Magazine: The World Fair's [especial edition]*. New York, The Cosmopolitan Publishing Company, set. 1904.

WEBER, Max e PLOETZ, Alfred. Max Weber, Dr. Alfred Ploetz, and W. E. B. Du Bois (Max Weber on Race and Society II). *Sociological Analysis*. Oxford, v. 34, n. 4, 1973, pp. 308-312. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3709734>>. Acesso em: 1 jul. 2021.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. 5. ed. São Paulo, Editora da UNICAMP, 2015.

Recebido em: 03/04/2023

Aprovado em: 12/09/2023

**Como citar este artigo:**

PEDRON, Caio César. Um sociólogo nada hesitante: a solução de W. E. B. Du Bois para o dilema da sociologia no início do Século XX. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 3, set. - dez. 2023, pp. 979-998.